

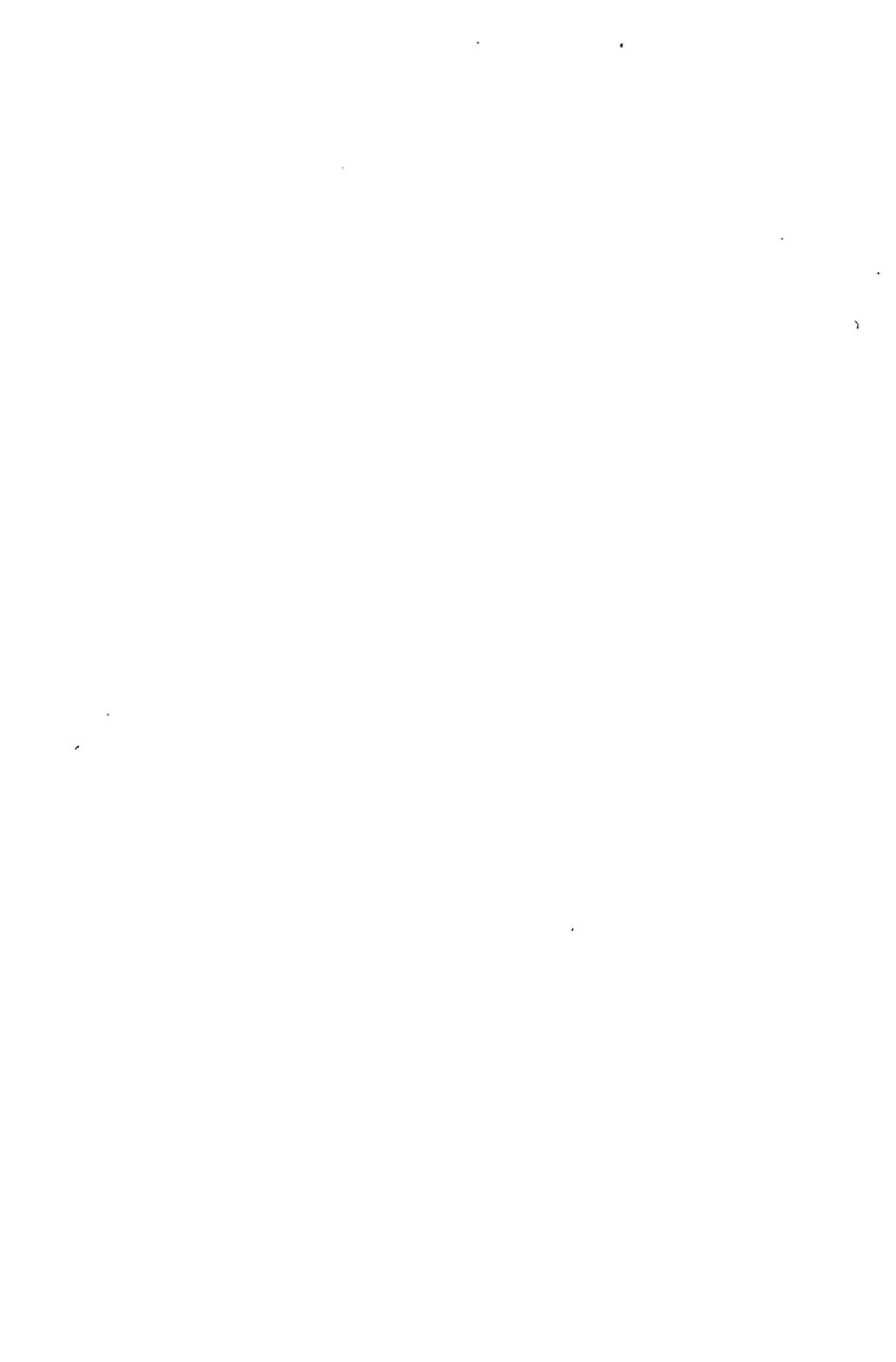
FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

História
4º ano



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92



378F657456

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII



244

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

378(05)

Guia do Estudante da FLUP. HIS: 4º Ano

Vol. 12, 1991-92

Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100 exemplares

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE - 1991

INTRODUÇÃO

Esta 12ª edição do Guia do Estudante, referente ao ano lectivo de 1991-92, pretende continuar a cumprir os objectivos contemplados numa publicação deste tipo; fornecer o máximo de informação relevante a todos quantos integram a Faculdade de Letras do Porto.

Embora tendo como destinatário principal o corpo discente, o Guia será igualmente instrumento útil para docentes e funcionários, em áreas tão diversas como, por exemplo, as normas de avaliação, as possibilidades de utilização da Biblioteca Central e de outros serviços ou algumas das mais recentes publicações editadas no âmbito da FLUP. Mas serão os conteúdos programáticos das cadeiras leccionadas nos diversos cursos a componente dominante desta publicação, contribuindo necessariamente para uma melhor orientação dos alunos relativamente ao estudo das diferentes matérias.

Pretende assim o Conselho Directivo, para além da articulação sempre fundamental com os restantes órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, delinear as principais linhas de força do funcionamento da Faculdade em 1991-92 e sublinhar alguns dos direitos e deveres que os membros da FLUP terão no seu quotidiano e no seu horizonte.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1991

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Base de dados local.

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Digite: GEAC.
2. Carregue tecla ENTER.
3. Digite: CAT.
4. Siga as instruções que aparecem no écran.
5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre

as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia
- " de Ciências da Educação

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História (Variante Arte; Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º e 4º anos).

b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: História Medieval

História Moderna e Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

D - Curso de Português para Estrangeiros.

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;
- b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);
- c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e
"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.
2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).
3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

- I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.
- II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.
- III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º e 4º anos de todas as variantes de LLM com línguas estrangeiras

a) Possibilidades: todas as variantes de LLM que integrem línguas estrangeiras.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:
Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)
Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)
Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)
3. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.
4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.
2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 19.7.91)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1991-1992. Estas Normas contêm algumas alterações de fundo relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho achou útil reordenar as várias cláusulas, a fim de tornar mais simples e operacional a sua consulta.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
 - a. Avaliação contínua.
 - b. Avaliação periódica.
 - c. Avaliação final.
2. No âmbito destas três modalidades de avaliação há ainda a considerar que certas disciplinas funcionam com provas de tipo especial, tais como:
 - a. Trabalhos de campo.
 - b. Trabalhos de investigação.
3. Fora do âmbito das três modalidades de avaliação referidas, há ainda o caso especial das disciplinas que funcionam em seminário e que têm requisitos especiais regulamentados separadamente.
4. Poderá existir uma combinação de avaliação contínua com avaliação periódica ou final nos termos do ponto A, artigo 4ª das presentes normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, deverá o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus duferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios, e instrumentos de avaliação a utilizar.
2. Este plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:
 - a. Número de alunos.
 - b. Número de docentes.
 - c. Natureza da disciplina e conteúdos leccionados.
3. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua consiste na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos e orais, ou outras.

2. Uma das provas tem de ser um teste escrito realizado na própria sala de aula e em presença do docente.

3. Os alunos devem ser e estar claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

4. Os alunos devem ser e estar informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação oral nas aulas, assim como dos critérios de ponderação adoptados.

5. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno.

6. As classificações de avaliação contínua são ponderadas em números inteiros na escala de 0 a 20 para efeitos de afixação nas pautas oficiais, conforme o estipulado no artigo 18º destas normas.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. Em certos casos pode haver alteração desse número mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

3. De modo a possibilitar a realização da avaliação contínua, as disciplinas podem ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço dos docentes e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

4. Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, é considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

5. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. Na situação dos números 3 e 4 do artigo 4º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, tendo direito a submeter-se à avaliação final na época normal primeira época, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica, no caso das línguas vivas; e até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa, nas restantes disciplinas.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado nos artigos 13º e 15º das presentes normas.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como os critérios e a ponderação da avaliação respectiva.

3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das línguas vivas conforme o estipulado no artigo 12º.

4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias

antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

Artº 9 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Não realizam prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 ou 9 valores desde que a média final das notas seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à

classificação de zero valores.

7. Um aluno que compareça a duas ou mais provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno em avaliação periódica que não tenha tido classificação positiva na primeira prova, compareça à segunda e não tenha igualmente classificação positiva nesta ou dela desista, considera-se reprovado.

2. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são em número de duas e precedem a oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a fixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 19.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 18º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, não podendo nunca ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para efeitos de média final nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Na época normal de exames finais realizam-se duas chamadas por

cada disciplina nas provas escritas, sendo esse número de apenas uma nas restantes épocas, isto é, época de recurso e época especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

4. Segundo o artº 9 da Portaria nº886/83 de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da FLUP de 28 de Maio de 1984, os alunos podem realizar exames a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais na época de recurso.

5. Segundo as mesmas portaria e resolução referidas no ponto anterior, na época especial (normalmente em Dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação numa das duas épocas consecutivas àquela em que tenham obtido aprovação na respectiva disciplina.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrarem os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de oito valores, tendo

em conta os arredondamentos fixados no artº 18.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 18.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso referido no ponto 3 deste artigo.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.

3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.

4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos

cada disciplina nas provas escritas, sendo esse número de apenas uma nas restantes épocas, isto é, época de recurso e época especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

4. Segundo o artº 9 da Portaria nº886/83 de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da FLUP de 28 de Maio de 1984, os alunos podem realizar exames a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais na época de recurso.

5. Segundo as mesmas portaria e resolução referidas no ponto anterior, na época especial (normalmente em Dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas anuais ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação numa das duas épocas consecutivas àquela em que tenham obtido aprovação na respectiva disciplina.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrarem os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de oito valores, tendo

em conta os arredondamentos fixados no artº 18.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 18.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso referido no ponto 3 deste artigo.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.

3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.

4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos

trabalhos a realizar.

5. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem às normas estipuladas no artigo 16.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 18 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final são publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações afixadas em pauta são apresentadas em números inteiros.

3. Para o cálculo de médias finais as décimas são arredondadas à unidade por defeito até ao meio valor, exclusive, e por excesso a partir do meio valor, inclusive.

4. Quaisquer outras escalas utilizadas pelo docente no âmbito das suas classificações terão de ser convertidas à escala referida nos pontos anteriores para efeitos de classificações finais e periódicas.

Artº 19 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias antes da realização da segunda prova de avaliação periódica.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizaram.

5. Os resultados dos exames da época de recurso devem ser afixados até 24 horas antes da data do início do prazo das inscrições nas disciplinas do ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 20 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.
2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.
3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 21 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.
2. Em caso de fraude comprovável o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
3. Caso haja apenas suspeitas de fraude deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.
4. No caso de fraude grave comprovada o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 22 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas têm o direito de exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.
2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças e recolher as assinaturas de todos os alunos presentes; essa folha de presenças devidamente datada e rubricada, deve ser entregue ao docente responsável da disciplina juntamente com as provas respectivas.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 23 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a

coincidências de provas de disciplina do mesmo ano. O prazo é de 48 horas (dias úteis) depois de afixados o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico delegará num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

Calendário das provas em 1991-1992

(Aprovado na reunião do Conselho Pedagógico de 12.07.91)

Avaliação periódica:

Primeiras provas: de 10 a 29 de Fevereiro de 1992 (Reinício de aulas: 5 de Março de 1992)

Segundas provas: de 1 a 17 de Junho de 1992. (As orais de línguas vivas poderão recair entre 17 e 25 de Junho de 1992.)

Fim de aulas: 30 de Maio de 1992

Exame final:

Época normal: de 25 Junho a 13 de Julho de 1992. (Entrega de termos até 20 de Julho de 1992.)

Época de recurso: de 10 a 25 de Setembro de 1992

A proposta de as provas das cadeiras específicas do Ramo Educacional serem realizadas dentro do prazo das restantes foi aprovada pelo do Conselho Pedagógico em 19/07/91.

PUBLICAÇÕES:

1. REVISTAS

Revista de Faculdade de Letras:

História, II série: 1984 ss.

Filosofia, II série: 1985 ss.

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

Geografia, 1985 ss.

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1990 ss.

2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal. 1501-1700, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo II", 1988

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão. Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras-Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana, Edição das suas fontes, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

3. TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES:

FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz. Contribuição para o Estudo do Espaço urbano do Porto, Porto, INIC/FLUP, 1985

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - O Desembargo Régio (1230-1433), Porto, INIC/Centro de História (UP), "História Medieval - 5", 1990

MARQUES, Helder - Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio de Geografia Humana, Porto, INIC/FLUP, 1985

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina, Porto, INIC/Centro de História (UP), "História - 6", 1986

MARQUES, João Francisco - A Parenética Portuguesa e a Restauração - 1640-1668; 2 vols., Porto, INIC/Centro de História (UP), "História Moderna e Contemporânea - 2", 1988

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - Abordagem a Alguns Aspectos

da Compreensão Verbal na Criança. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar, Porto, INIC/Centro de Língua (UP), "Linguística - 8", 1988

3.1. Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

3.1.1. REVISTA:

Intercâmbio, 1990

3.1.2. OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - Nas Origens do Teatro Francês em Portugal, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Revolução Francesa. Emigração e Contra-Revolução, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

3.2. Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS REALIZADOS OU PARTICIPADOS PELA FLUP:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UP, vol. II, 1979, vol. III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

I Congresso de Literaturas Marginais (Faculdade de Letras do Porto, Abril de 1987) (No prelo)

Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988)

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988)

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Encontro de Literatura Suíça (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Eça e "Os Maias", I Encontro Internacional de Queirozianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE (Divulgação interna):
CONSELHO DIRECTIVO:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989, Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986

PEREIRA, Gaspar Martins - O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal a João Franco, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

1. Revista

Humanidades, 1982 ss.

PROGRAMAS

NOTA: Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1991-92. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Fernando de Sousa

Dr. Gaspar Martins Pereira

I. Introdução ao estudo da Época contemporânea portuguesa.

1. O conceito histórico da Época Contemporânea.
2. A Época contemporânea portuguesa e as mudanças estruturais que se verificam em relação ao Antigo Regime.

II. O período da instauração do liberalismo em Portugal.

1. O processo da instauração do liberalismo.
 - 1.1. O 1º período liberal (1820-1823):
 - 1.1.1. A revolução de 1820. Condicionantes internos e externos.
 - 1.1.2. Os grandes problemas nacionais e a acção das Constituintes (a questão do Estado; a questão brasileira; a questão agrária e o protecçãoismo).
 - 1.1.3. A Constituição de 1822.
 - 1.2. Da Constituição à Carta Constitucional (1823-1826).
 - 1.2.1. O golpe de Estado da Vilafrancada (1823).
 - 1.2.2. A Abrilada (1824).
 - 1.2.3. O reconhecimento da independência do Brasil (1825).
 - 1.2.4. A Carta Constitucional (1826).
 - 1.3. Da outorga da Carta Constitucional à instauração definitiva do liberalismo (1826-1834).
 - 1.3.1. Condicionantes internos e externos da vigência da Carta Constitucional.
 - 1.3.2. O regresso de D. Miguel e a restauração do absolutismo. A revolta constitucionalista de 1828 no Porto (16 Maio) e a Terceira (5 de Outubro).
 - 1.3.3. A nova conjuntura política europeia. A expedição liberal e a guerra civil.
 - 1.3.4. A legislação de Mouzinho da Silveira (1832).
 - 1.3.5. Complemento das medidas revolucionárias: a lei das indemnizações; a lei da supressão das ordens religiosas; a lei da venda dos bens nacionais e o processo de transferência da propriedade.
 - 1.4. A luta pelo poder entre as diversas facções da burguesia liberal (1834-1851).

- 1.4.1. A Convenção de Évora-Monte, a Quádrupla Aliança e o domínio político da alta burguesia cartista.
- 1.4.2. A Revolução de Setembro de 1836 e o Setembrismo. A Constituição de 1838.
- 1.4.3. A restauração da Carta e a 1ª ditadura de Costa Cabral (1842-1846).
- 1.4.4. A revolta da Maria da Fonte (1846).
- 1.4.5. A guerra civil da Patuleia (1846-1847). A intervenção estrangeira.
- 1.4.6. A conjuntura revolucionária europeia de 1848 e a sociedade portuguesa. A nova geração: a emergência das ideias de república e de socialismo. A 2ª ditadura de Costa Cabral (1849-1851), a oposição e o movimento da Regeneração.
 - 2. A sociedade portuguesa na 1ª metade do século XIX.
 - 2.1. A fraqueza do crescimento demográfico na 1ª metade de oitocentos. Crises agrícolas, invasões francesas, surtos epidémicos...
 - 2.2. As assimetrias regionais.
 - 2.3. Êxodo rural, fraqueza da urbanização e emigração para o Brasil.
 - 2.4. Estratificação e evolução social. Permanências e transformações.
- 3. A economia portuguesa na 1ª metade do século XIX.
 - 3.1. A evolução da conjuntura económica de fins do séc. XVIII a meados do século XIX.
 - 3.2. Transformações liberais - permanências e rupturas. O lento processo de industrialização. O protecçãoismo setembrista e o tratado luso-britânico de 1842. As mudanças no sector agrícola. Dinamismo financeiro e criação de condições para a formação do mercado interno nacional com o Cabralismo.
 - 3.3. A revolução liberal e os grandes problemas económicos nacionais.
 - 3.3.1. A abolição do antigo regime económico.
 - 3.3.2. A luta pela independência económica: protecçãoismo e livre-câmbio.
 - 3.3.3. A necessidade de reconversão da economia de base colonial atlântica.
 - 3.4. Travões estruturais do desenvolvimento económico português.
 - 3.4.1. A manutenção do império e a "política de transporte".
 - 3.4.2. A dependência externa.
 - 3.4.3. "Crescimento agrícola sem industrialização" - a falta de desenvolvimento sincrónico dos dois sectores produtivos.

3.4.4. A falta de articulação entre o sector dinâmico da economia e os outros sectores da actividade económica.

3.4.5. Dependência dos agentes económicos do protecçãoismo e das actividades de fomento estatal.

3.4.6. Estrutura senhorial da propriedade e ausência de um campesinato independente.

3.4.7. Mentalidade aristocratizante da burguesia portuguesa. Valores mentais/simbólicos que fazem assentar na terra a importância económica e o prestígio social. Atração por actividades não produtivas. Desvalorização do trabalho.

4. Transformações culturais na 1ª metade do século XIX.

4.1. As transformações culturais.

4.1.1. Laicização da cultura dominante.

4.1.2. Cultura como reflexo dos valores das novas camadas sociais dominantes.

4.2. Evolução da cultura dominante desde o Pombalismo a meados do século XIX.

III. Da Regeneração ao fim da Monarquia.

1. A evolução política.

1.1. A Regeneração ou a estruturação do capitalismo.

1.2. A 1ª fase do Rotativismo (1851-1865).

1.2.1. O Acto Adicional de 1852.

1.2.2. O fontismo.

1.3. Período intercalar (1865-1876).

1.3.1. A fusão e a recomposição político-partidária no final do período: o aparecimento de novos partidos - o Partido Socialista e o Partido Republicano; o Pacto da Granja e a reunião de históricos e reformistas no Partido Progressista.

1.3.2. Da prosperidade à crise bancária.

1.4. A 2ª fase do Rotativismo (1878-1890).

1.4.1. A questão colonial e o "ultimatum" inglês.

1.5. Período intercalar (1890-1893).

1.5.1. O "31 de Janeiro de 1891".

1.5.2. A crise financeira de 1891 - conjuntura interna e externa.

1.5.3. O governo de Dias Ferreira.

1.6. A 3ª fase do rotativismo (1893-1906).

1.6.1. Desagregação dos partidos monárquicos e ascensão republicana.

1.7. Os governos de João Franco: parlamentar (Maio 1906-Maio 1907); ditadura (Maio 1907-Fevereiro 1908). O regicídio e o retorno ao sistema parlamentar.

1.8. Portugal nas vésperas da República.

2. A sociedade portuguesa na 2ª metade do século XIX.

2.1. Estruturas e movimentos demográficos (1864-1911).

2.2. As estruturas sociais em transformação.

2.2.1. A ascensão das burguesias urbanas.

2.2.2. A reestruturação social nas cidades: industrialização, crescimento do operariado e agudização dos conflitos sociais.

2.2.3. A reestruturação social nos campos.

3. A economia portuguesa na 2ª metade do século XIX.

3.1. A situação da economia portuguesa no contexto internacional.

3.2. A agricultura.

3.3. Progressos e dificuldades da industrialização.

3.4. O comércio.

3.4.1. A formação do mercado interno nacional.

3.4.2. O mercado externo e a balança comercial.

3.4.3. livre câmbio e protecção.

3.5. A banca e a evolução financeira.

IV. A Primeira República (1910-1926).

1. República política e República social.

2. Projectos e realizações. As grandes reformas.

3. 1917-1918: sidonismo versus soviétismo.

4. Ofensiva contra a democracia parlamentar.

5. Os interesses económicos e o golpe contrarrevolucionário.

V. A Ditadura (1926-1974).

1. Ditadura de generais: Gomes da Costa, Sinel de Cordes, Óscar Carmona.
2. Salazarismo, Estado Novo, acumulação capitalista.
3. Do ruralismo ao industrialismo.
4. A questão colonial.
5. O Marcelismo.

VI. O restabelecimento da Democracia.

1. O 25 de Abril de 1974.
2. Extinção dos organismos repressivos, eleições e fim da guerra colonial.
3. O regime democrático e a Constituição de 1976.
4. Problemas económicos e tensões sociais.
5. Um novo lugar de Portugal no Mundo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTRO, Armando de - A Revolução Industrial em Portugal no séc. XIX, 3ª ed., Porto, 1976

GODINHO, Vitorino Magalhães - Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa, 2ª ed., Lisboa, 1975

JUSTINO, David - A formação do espaço económico nacional. Portugal 1810-1913, vol. I, Lisboa, 1988

MARQUES, A. H. Oliveira - História de Portugal, vol. II, 2ª ed., Lisboa, 1976

"- Guia de História da 1ª República Portuguesa, Lisboa, 1981

- PEREIRA, Miriam Halpern - Livre câmbio e desenvolvimento económico. Portugal na 2ª metade do séc.IX, 2ª ed., Lisboa, 1983
- "- Política e Economia. Portugal nos séculos XIX e XX, Lisboa, 1979
- "- Revolução, Finanças, Dependência Externa, Lisboa, 1979
- REIS, António (Dir.) - Portugal Contemporâneo, Lisboa, 1990 (em publicação)
- SÁ, Victor de - A Crise do Liberalismo, 3ª ed., Lisboa, 1979
- "- Época Contemporânea Portuguesa - I, Lisboa, 1981
- "- Instauração do liberalismo em Portugal, Lisboa, 1987
- SERRÃO, Joel (Dir.) - Dicionário de História de Portugal, 2ª ed., Lisboa, 1975-1978
- SERRÃO, Joel - Da "Regeneração" à República, Lisboa, 1990
- SIDERI, Sandro - O Comércio e Poder, Lisboa, 1978
- TENGARINHA, José Manuel - Estudos de História Contemporânea de Portugal, Lisboa, 1983
- O Estado Novo. Das Origens ao Fim da Autarcia. 1926-1959, 2 vols., Lisboa, 1987
- A Formação do Portugal Contemporâneo: 1900-1980, vol. I: "Análise Social", nº 72-73-74, Lisboa, 1982; vol.II: "Análise Social", nº 77-78-79, Lisboa, 1983
- História Contemporânea Portuguesa (Estudos de Homenagem a Víctor de S'a), Lisboa (no prelo)
- O Século XIX em Portugal, "Análise Social", nº 61-62, Lisboa, 1980

SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Docentes: Prof. Doutor Fernando de Sousa
Dr^a Maria Antonieta Cruz
Dr. Henrique David

No decorrer do ano lectivo, será incentivada a realização de trabalhos de índole prática, visando proporcionar a aplicação de conhecimentos adquiridos e o contacto com as fontes e os problemas de natureza histórica, de modo a estimular a investigação.

Programa-Síntese

1. A evolução demográfica (sécs. XVIII-XX).
2. A revolução agrícola (sécs. XVIII-XX)
3. A revolução industrial - crescimento económico, progresso científico e inovação técnica (sécs. XVIII-XX).
4. A revolução dos transportes (sécs. XVIII-XX).
5. Revolução Americana.
6. Revolução Francesa (origens, fases, evolução política e institucional na França revolucionária, a obra da revolução).
7. O Liberalismo.
8. A era da Democracia.
9. A Europa das Nacionalidades.
10. A sociedade industrial.
11. Movimento operativo e socialismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

ASHTON, T. S. - A Revolução Industrial, Lisboa, Publ. Europa-América, 1977

BAIROCH, P. - Révolution Industrielle et sous-développement, Paris, Mouton, 1974

"- Le Tiers-Monde dans l'impasse: le démarrage économique du XVIIIe au XXe siècle, Paris, Gallimard, 1983

"- Commerce extérieur et développement économique de l'Europe au XIXe siècle, Paris, Mouton, 1976

- BOUVIER, J. - Histoire économique et Histoire sociale, Paris, 1968
 "- Initiation au vocabulaire et aux mécanismes économiques contemporains (XIXe-XXe siècles), Paris, S.E.D.E.S., 1977
- BRAUDEL, F. - Civilisation matérielle: économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle, 3 vols., Paris, Armand Colin, 1979
 "- Las civilizaciones actuales, Madrid, Tecnos, 1970
- CHESNAIS, Jean-Claude - La transition démographique, Paris, P.U.F., 1986
- CIPOLLA, Carlo M., ed. - Historia económica da Europa, T. III e IV
 Barcelona, Ariel, 1979
- CROUZET, M. (dir. de) - Histoire générale des civilisations, T. V e VI, Paris, P.U.F., 1967
- DAUMAS, M. (dir. de) - Histoire générale des techniques, T. III, IV e V, Paris, P.U.F., 1979
 "- Histoire de la Science, Paris, Gallimard, 1957
- DOLLÉANS, E. - Histoire du Mouvement Ouvrier, Paris, A. Colin, 1939
- DROZ, Jacques (dir. de) - História geral do socialismo, 9 vols., Lisboa, Liv. Horizonte, 1984
- DUBIEF, Henri - Le Syndicalisme Révolutionnaire, Paris, A. Colin, 1969
- DUPEUX, Georges - La société Française (1789-1970), Paris, A. Colin, 1972
- DUROSELLE, J. B. - L'idée d'Europe dans l'Histoire, Paris, Denoel, 1965
- ELLUL - Histoire des Institutions, vol. 5, Paris, P.U.F., 1969
- FOHLEN, Claude - Le travail au XIXe siècle, Paris, P.U.F., 1967
 "- Qu'est-ce que la Révolution Industrielle?, Paris, Robert Laffont, 1971
- FLAMANT, M. - Histoire économique et sociale contemporaine, Paris, Montchrestien, 1976
- FURIA, D.; SERRE, P. Ch - Techniques et sociétés, liaisons et évolutions, Paris, A. Colin, 1970
- GRUNWALD, C. - Sociedade e civilização russas no séc. XIX, Lisboa, Aster, 1976
- GODECHOT, J. - Les Institutions de la France sous la Revolution et l'Empire, Paris, P.U.F., 1951
- HOBSBAWN, E. J. - A era das revoluções, Lisboa, Presença, 1978
 "- A era do capital, Lisboa, Presença, 1979

- JOURCIN, A. - Prólogo ao nosso século - 1871-1918, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1981
- LANDES, D. S. - L'Europe technique. Révolution technique et libre essor industriel en Europe occidentale de 1750 à nos jours, Paris, 1953
- LEFRANC, Georges - O sindicalismo no mundo, Lisboa, Publ. Europa-América, 1974
- LÉON, Pierre (dir. de) - Histoire économique et sociale du monde, T. III e IV, Paris, A. Colin, 1978
- "- Économies et sociétés préindustrielles, T. II, Paris, A. Colin, 1970
- LESOURD, J. A.; GÉRARD, C. - História económica. Séculos XIX e XX, 2ª ed., vol. 1, Lisboa, Livraria Clássica Editora, s.d.
- "- Nouvelle Histoire Économique, T. I, Paris, A. Colin, 1979
- MANTOUX, Paul - La Révolution Industrielle au XVIIIe siècle, Paris, Génin, 1959
- MATHIAS, Peter - A primeira nação industrial, Lisboa, Assfrio e Alvim, s.d
- MAURO, F. - Histoire de l'Économie Mondiale, Paris, Sirey, 1971
- MIRANDA, J. - Manual de Direito Constitucional, Coimbra, Coimbra Editora, 1982
- MORAZÉ, C. - Os burgueses à conquista do mundo, Lisboa, Cosmos, 1965
- MORTON, A. L.; TATE, G. - Historia del movimiento obrero inglés, Madrid, Fundamentos, 1971
- NIVEAU, M. - Histoire des faits économiques contemporains, Paris, P.U.F., 1970
- PALMADA, Guy - La época de la burguesía, Madrid, Siglo XXI, 1980
- PERNOUD, Régine - Histoire de la bourgeoisie en France, Paris, Seuil, 1960
- PHILIP, André - Historia dos factos económicos e sociais, Lisboa, Liv. Morais, 1965
- PONTEIL, F. - Les classes bourgeoises et l'avènement de la démocratie, Paris, P.U.F., 1968
- POSTAN, M.; HABAKKUK, H. (dir. de) - Historia económica de Europa, T. IV, Jaén, ed. Rev. de Derecho Privado, 1977
- RÉMOND, René - Introduction à l'Histoire de notre temps, 3 vols., Paris, Seuil, 1974
- "- Histoire des États-Unis, Paris, P.U.F., 1959

- RIOUX, J. P. - A Revolução Industrial, Lisboa, Publs. Dom Quixote, 1978
- ROSTOW, W. W. - Les étapes de la croissance économique, Paris, Seuil, 1962
- TAPINOS, Georges - Éléments de démographie, Paris, A. Colin, 1985
- SALAMONE, Nino - Causas sociais da Revolução Industrial, Lisboa, Presença, 1980
- TOUCHARD, J. - História das Ideias Políticas, vols. 5 e 6, Lisboa, Europa-América, 1970

CULTURA E MENTALIDADES NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Docente: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos

1. A crise de sensibilidade e os novos valores alternativos.

1.1. O Movimento Cultural das Luzes.

1.2. O Iluminismo como idade cultural. A geografia, a cronologia e a epistemologia iluminística.

1.3. O progresso - a filosofia, a ciência e a história.

1.4. As ideias, os homens e as obras.

2. O século XIX europeu e a situação nacional.

2.1. As grandes etapas políticas, seu suporte ideológico. Correntes de sensibilidade e cultura.

2.2. A situação cultural portuguesa desde o início do liberalismo: religião e revolução.

2.3. O anticlericalismo: raízes e termos.

2.4. O choque da ciência com a(s) crença(s).

2.5. O sentimento de decadência em Portugal na 2ª metade do séc.

XIX: a educação contestada.

3. O Movimento Cultural romântico no século XIX.

3.1. O conceito de Romantismo - polémica e problemática.

3.2. Focos materiais e difusão do movimento. Os diferentes "romantismos".

3.3. Sua recepção em Portugal.

4. O pensamento social na 1ª metade do século XIX.

4.1. O romantismo social. Os profetas de uma cidade mais justa. A utopia e o socialismo conceptual.

4.2. A herança iluminista: MaSly, Morelly, Meshier, Rousseau.

4.3. Saint-Simon e o socialismo tecnocrático.

4.4. A organização societária de Fonrier.

4.5. Owen - a filantropia patronal. O socialismo mutualista e cooperativo.

4.6. Proudhon: sociologia e política.

5. Correntes de pensamento e de sensibilidade do séc. XX: algumas etapas marcantes.

5.1. A cultura de massas.

5.2. Guerra e sensibilidade colectiva: as ideias, a cultura, os comportamentos.

5.3. Os anos loucos - situação da mulher.

5.4. As artes plásticas, o teatro, o cinema.

5.5. Regimes totalitários e massificação cultural.

5.6. Os "mass média".

Temas para investigação:

1. A "crise" em Portugal na 2ª metade do séc. XVIII.

2. A imprensa periódica: características, meios de acção, resultados.

3. As grandes mudanças do séc. XX e sua repercussão em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

BÉNICHOU, Paul - Le temps des prophètes-doctrines de l'âge romantique, Paris, 1977

CHAUNU, Pierre - La Civilisation de l'Europe des Lumières, Paris, 1971

DROZ, J. (dir. de) História Geral do Socialismo, Lisboa, 1976/9

GERBOD, Paul - L'Europe Culturelle et Religieuse de 1815 à nos jours. Paris, P.U.F., 1977

GUSDORF, George - Les Principes de la Pensée au Siècle des Lumières. Paris, 1971

HAZARD, Paul - Crise da Consciência Europeia, Lisboa, 1971

"- O pensamento europeu no séc. XVIII, Lisboa, 1974

HAMPSON, Norman - Le siècle des Lumières, Paris, 1968

MARAVALL, J. Antonio - La cultura del barroco, Barcelona, 1980

MINOIS, George - L'Église et la Science. Histoire d'un malentendu. Paris, 1991

PEYRE, Henri - Introdução ao Romantismo, Lisboa, 1975

PIRES, A. M. B. - A Ideia de Decadência na Geração de 70, Ponta Delgada, 1980

RÉMOND, René - L'anticléricisme en France de 1815 à nos jours. Paris, 1977

"- L'Ancien Régime et la Révolution, Paris, 1974

ROCHE, Daniel - Les Républicains des Lettres. Gens de culture et Lumières au XVIIIe Siècle. Paris, 1988

ROGIER, L. J. et al. - Nouvelle Histoire de l'Église, Vol. IV, Paris, 1966

SOBOUL, Albert et al. - Le siècle des Lumières, Paris, 1977

Nota: A propósito de cada assunto será citada a bibliografia específica na aula respectiva.

TEORIA DA HISTÓRIA E DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Docentes: Prof. Doutor João Francisco Marques

Núcleo Temático:

1. Fundamentos e objectivos de uma reflexão teórica sobre a história.

1.1. Natureza e vida - condições de inteligibilidade do passado.

1.2. Homem, sociedade, memória e duração.

2. Conhecimento histórico: objecto, sujeito e limites.

2.1. Epistemologia da história.

2.1.1. Historicidade como categoria do real.

2.1.2. Possibilidade e natureza do saber histórico.

2.1.3. Objectividade e subjectividade.

2.2. Realidade histórica e historiador: a historiografia.

2.2.1. Facto e estrutura.

2.2.2. Reconstituição a partir de um presente: causalidade e síntese.

2.2.3. História: narração e/ou ciência

3. História e devir.

3.1. Tempo e história.

3.1.1. Cronologia e duração.

3.1.2. Tempo social e periodização.

3.2. Filosofia da história: perspectivas de análise.

3.2.1. Dinâmica e teleologia.

3.2.2. Concepções metafísicas e imanentistas do acontecer humano; de

Santo Agostinho a Toynbee.

Aulas Práticas:

Será indicada oportunamente a colectânea a utilizar.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ARON, Raymond - Dimensions de la Conscience Historique, Paris, Plon, 1974

"- Introduction à la Philosophie de l'Histoire. Essai sur les limites de L'objectivité Historique, Paris, Gallimard, 1948

"- La Philosophie de L'Histoire. Essai sur une Théorie Allemande de

- L'Histoire, Paris, J. Vrin, 1969
- BARRACLOUGH, Geoffrey - Tendances Actuelles de L'Histoire, Paris, Flammarion, 1980
- BLOCH, Marc - Introdução à História, trad. portuguesa, Lisboa, Europa-América, s.d.
- BOURDE, G.; MARTIN, H. - Les Écoles Historiques, Paris, Seuil, 1982
- BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais, trad. portuguesa, Lisboa, Presença, 1973
- CARR, E. H. - Que é a História?, trad. portuguesa, Lisboa, Gradiva, s.d.
- Les Catégories en Histoire, dir. Perelman, Bruxelles, Institut de Sociologie de l'Université Libre, 1963
- CERTEAU, Michel - L'écriture de l'histoire, Paris, Gallimard, 1978
- CHAUNU, Pierre - Histoire, Science Sociale, Paris, Sedes, 1974
- COLLINGWOOD, R. G. - A Ideia de História, trad. portuguesa, Lisboa
- Enciclopédia Einaudi - 1. "Memória - História", trad. portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984
- Faire de L'Histoire: I. Nouveaux Problèmes; II. Nouvelles Aproches; III. Nouveaux Objects, dir. J. le Goff e P. Nora, Paris, Gallimard, 1974
- FEVRE, Lucien - Combates pela História, trad. portuguesa, 2 vols., Lisboa, Presença, 1977
- FLEISCHER, H. - Concepção Marxista da História, trad. portuguesa, Edições 70, 1978
- FOUCAULT, Michel - As Palavras e as Coisas, trad. portuguesa, Lisboa, Portugalia, 1968
- GARDINER, Patrick (org.) - Teorias da História, trad. portuguesa, Lisboa, Gulbenkian, 1969
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaio, vol. III, Lisboa, Sá da Costa, 1971
- GOMES, Pinharanda; QUADROS, António - A Teoria da História em Portugal: I. O Conceito da História; II. A Dinâmica da História, Lisboa, Espiral, s.d
- GRUNER, Rolf - Philosophies of History, Aldershot, Gower, 1985
- HANDLIN, Oscar - La verdad en la historia, trad. Castelhana, México, Fondo de Cultura Económica, 1982
- Histoire (L'), L'Ethnologue et le Futurologie, Paris, Mouton, 1972

- LOWITZ, Karl - El Sentido de la Historia, trad. castelhana, Madrid, Aguilar, 1973
- MARAVALL, José António - Teoría del Saber Histórico, Madrid, Revista de Occidente, s.d
- MARROU, H. I. - Do conhecimento Histórico, trad. portuguesa, Lisboa, Aster, 1974
- "- Théologie de L'Histoire, Paris, Seuil, 1976
- La Nouvelle Histoire, dir. Le Goff, Paris, Retz, 1978
- POMIAN, Krzysztof - L'ordre du temps, Paris, Gallimard, 1984
- POPPER, Karl - A Miséria do Historicismo, trad. portuguesa, S. Paulo, Cultrix, 1980
- RAMA, Carlos - Teoria da Historia, trad. portuguesa, Coimbra, Almedina, 1980
- RICOEUR, Paul - Histoire et Verité, Paris, Seuil, 1955
- "- Temps et Récit, 3 t., Paris, Seuil, 1984/1985
- SCHAFF, Adam - História e Verdade, Lisboa, Estampa, 1977
- THYSSEN, Johannes - Historia de la Filosofía de la Historia, trad. Castelhana, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1954
- VÉDRINE, Hélène - Les Philosophies de l'Histoire, Paris, Plon, 1974
- VEYNE, Paul - Como se escreve a História, trad. portuguesa, Lisboa, Edições 70, 1983
- VILAR, Pierre - Iniciación al Vocabulário del Análisis Histórico, trad. Castelhana, Barcelona, editorial, Crítica, 1980
- WALSH, W. H. - Introducción a la filosofía de la historia, trad. Castelhana, México, Siglo XXI, 1976

HISTÓRIA DA ARTE NO SÉCULO XIX

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. O Neoclassicismo

1.0. Arqueologia. Iluminismo. Revolução.

1.1. Fontes. Centros. Internacionalismo. Situações nacionais.

1.1.1. Arquitectura.

1.1.2. Escultura.

1.1.3. Pintura.

1.1.4. Artes decorativas.

2. A Época Romântica

2.0. Origens do movimento. Mentalidade e sensibilidade.

2.1. Romantismo, romantismos. Temas e géneros. O Academismo.

2.1.1. Pintura.

2.1.2. Escultura.

2.1.3. Arquitectura.

2.1.3.0. Tradição e ruptura.

2.1.3.1. Revivalismo.

2.1.3.2. Exotismo.

2.1.3.3. Ecletismo.

2.1.3.4. Engenharia e Arquitectura do Ferro.

3. Realismo, Naturalismo, Impressionismo

3.0. Ideologia e Arte. O Realismo.

3.0.1. Pintura.

3.0.2. Escultura.

3.1. Ciência, Filosofia, Arte. O Naturalismo.

3.1.1. Pintura. Barbizon.

3.1.2. Escultura.

3.2. O Impressionismo.

3.2.0. Percursos.

3.2.1. Os Impressionistas.

3.2.2. Difusão.

3.2.3. Neo-Impressionismo.

3.2.4. Pós-Impressionismo.

3.3. A Escultura.

3.3.1. Rodin.

3.3.2. Rosso.

BIBLIOGRAFIA

- ANTAL, Frederik - Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BENEVOLO, Leonardo - Historia de la Arquitectura Moderna, 2ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 1974
- CALVO SERRALLER, Francisco (org.) - Ilustración y Romanticismo, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- CHICÓ, Mário Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira - Dicionário da Pintura Universal, 3 vols., Lisboa, Estúdios Cor, 1973
- CLAUDON, Francis (org.) - Enciclopédia do Romantismo, Lisboa, Verbo, 1986
- COURTHION, Pierre - Le Romantisme, Lausanne, Skira, 1961
- FRANCASTEL, Pierre - Le Style Empire (du Directoire à la Restauration), Paris, Larousse, 1939
- "- La réaction classique aux XVIIIe et XIXe siècles, in "L'Art et l'Homme" (diréc. René Huyghe), vol. 3, Paris, Larousse, 1961, pp.263-272
- "- Arte e Técnica nos séculos XIX e XX, Lisboa, Livros do Brasil, s/d. [1963]
- "- Histoire de la Peinture Française, 2 vols., 3ª ed., Paris, Gonthier, 1971
- "- L'impressionnisme, Paris, Denoel/Gonthier, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- FRANÇA, José-Augusto - O Romantismo em Portugal, 6 vols., Lisboa, Livros Horizonte, 1974
- "- A Arte em Portugal no Século XIX, 2 vols., 2ª ed., Lisboa, Bertrand, 1981
- "- Lisboa Pombalina, 3ª ed., Lisboa, Bertrand, 1987
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUINSBURG, J. (org.) - O Romantismo, 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1985
- HONOUR, Hugh - Neo-Classicism, Harmondsworth, Penguin, 1968
- "- El Romanticismo, 2ª ed., Madrid, Alianza, 1984
- HUYGHE, René - L'Art et l'Homme, vol. III, Paris, Larousse, 1961

- HUYGHE, René; RUDEL, Jean - L'Art et le Monde Moderne, vol. I, Paris, Larousse, 1970
- KAUFMANN, Emil - La Arquitectura de la Ilustracion, Barcelona, Gustavo Gili, 1974
- MATHEY, François - O Impressionismo, Lisboa, Verbo, 1972
- NOVOTNY, Fritz - Pintura y Escultura en Europa 1780-1880, Madrid, Cátedra, 1986
- PARISET, François-George - L'Art Néo-Classique, Paris, P.U.F., 1974
- PONENTE, Nello - Les Structures du Monde Moderne, 1850-1900, Genève, Skira, 1965
- REWALD, John - Histoire de l'Impressionnisme, Paris, Albin Michel, 1955
- RHEIMS, Maurice - La Sculpture au XIXe Siècle, Paris, Arts et Métiers Graphiques, 1972
- ROSEN, Charles; ZERNER, Henri - Romantisme et Réalisme, Paris, Albin Michel, 1986
- SELZ, Jean - Découverte de la Sculpture Moderne, Lausanne, La Guilde du Livre, 1963
- SYMPHER, Wyllie - Do Rococó ao Cubismo, São Paulo, Perspectiva, 1980
- VAUGHAN, William - Romantic Art, London, Thames and Hudson, 1978

Docente: Dr. António Cardoso

1. A Arquitectura do séc. XX

1.1. A cidade industrial na América. A Escola de Chicago.

1.2. Os movimentos europeus de vanguarda de 1890 a 1914. As experiências urbanísticas. O nascimento da urbanística moderna.

1.3. A formação e desenvolvimento do movimento moderno. O expressionismo. O racionalismo. A urbanística racionalista. Os mestres.

1.4. A crise do racionalismo.

1.5. Arquitectura e compromisso político. A Arquitectura, o Estado e a ideologia. O urbanismo.

1.6. O movimento orgânico.

1.7. O segundo após-guerra. A reconstrução. Os modelos americanos. O urbanismo.

1.8. A morte da arquitectura moderna (?). A arquitectura pós-moderna, o historicismo, o eclectismo, a citação.

2. A Arquitectura em Portugal no séc. XX

2.1. O fim do século. O eclectismo historicista. As influências francesas.

2.2. A problemática de A Casa Portuguesa. Raúl Lino e os modelos culturalistas.

2.3. A Arte Nova como epifenómeno em Lisboa e Porto.

2.4. Lisboa e As Avenidas Novas. O Porto: Barry Parker, Marques da Silva e a Avenida da Cidade.

2.5. As Artes Déco. Sua notícia em Oliveira Ferreira, Marques da Silva, Pardal Monteiro e Manuel Marques.

2.6. Racionalismo e funcionalismo. Carlos Ramos, Cristino da Silva e Cassiano Branco. Rogério de Azevedo e a hipótese expressionista.

2.7. Os Liceus e o partido modernista. A Casa de Serralves, no Porto. Projecto e desenvolvimento.

2.8. Uma 2ª geração de arquitectos modernos: Keil do Amaral e Viana de Lima.

2.9. Duarte Pacheco e o urbanismo da capital. O urbanismo português: de Ezequiel de Campos a Piacentini e Muzio.

2.10. A Exposição do Mundo Português. O culto nacionalista e monumental. Cottinelli Telmo. Os grandes trabalhos públicos.

2.11. Os Monumentos nacionais. O restauro e suas concepções.

2.12. O 1º Congresso Nacional de Arquitectura e os Anos 50. "A Arquitectura popular em Portugal".

3. A Pintura do séc. XX

3.1. O Impressionismo e o neo-impressionismo, uma estética do real. O seu legado.

3.2. Simbolismo, Art Nouveau, Fauvismo e Expressionismo. Características dominantes e algumas invariantes.

3.3. O Cubismo. As suas origens, fases e derivações.

3.4. O Orfismo e o Futurismo. A apologia da máquina.

3.5. O Dadaísmo e o absurdo contemporâneo. As novas técnicas: colagem, o ready-made, a fotomontagem.

3.6. O Surrealismo e a tradição maneirista e fantástica. A psicanálise.

3.7. Construtivismo e Abstracção. A Escola de Paris.

3.8. O Expressionismo abstracto. A Arte na América. Expansão internacional da abstracção lírica. O gestualismo.

3.9. O regresso ao objecto.

3.10. A pop-art, o novo realismo. Arte e tecnologias: o Cinetismo, o Hiperrealismo.

3.11. A anti-arte e as manifestações conceptuais.

3.12. Tendências das últimas décadas. O pós-modernismo.

4. A Pintura portuguesa do século

4.1. As persistências naturalistas. Humoristas e modernistas. O Futurismo.

4.2. Amadeu de Sousa Cardoso: raízes e modernidade.

4.3. Os Anos 20. A primeira geração.

4.4. Os Anos 30 e 40. O Salão dos Independentes. A Exposição do Mundo Português. A "política do espírito".

4.5. A segunda geração.

4.6. Os Anos 40 e 50. O neo-realismo e o surrealismo. Confrontos. Figurativos e abstractos. A terceira geração.

4.7. Nova figuração. Signo. Objecto. A pop-art e a op-art.

4.8. A nova abstracção. Ambientes. O conceptualismo.

4.9. As últimas décadas. Tendências. Um novo eclectismo.

5. A Escultura do séc. XX. Estudo comparativo em função do processo da Pintura e (até) da Arquitectura.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

I. Arte Geral

- ARGAN, Giulo Carlo - El Arte Moderna, 2ª ed., Fernando Torres Editor, Valencia, 1976
- BENEVOLO, Leonardo - História de la Arquitectura Moderna, 4ª ed., Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1980
- BLUNDEN, Maria e Godfrey - La peinture de l'impressionnisme, Génève, Albert Skira, 1981
- BRETON, André - Manifestes du Surréalisme, Paris, Gallimard, 1979
- DE FUSCO, Renato - Historia de la Arquitectura Contemporanea, Madrid, H. Blume Ediciones, 1981
- DELEVOY, Robert L. - Le Symbolisme, Geneve, Albert Skira, 1982
- FERRIER, Jean Louis - Picasso/Guernica, Paris, Denoel/Gonthier, 1977
- FRAMPTON, Kenneth - Historia critica de la arquitectura moderna, Barcelona, Ed. Gustavo, Gili, 1987
- GOLDING, John - Le cubisme, Ed. Paris, Ed. René Julliard, 1965
- HUYGHE, René e RUDEL, Jean - L'art et le monde moderne, Paris, Larousse, 1969
- KANDINSKY, Wassily - Cours du Bauhaus, Paris, D./Gonthier, 1975
- MARINETTI, F. T. - Manifestos y textos futuristas, Barcelona, Ed. del Cotal, 1978
- PICON, Gaetan - Le Surréalisme, Génève, Albert Skira, 1983
- PIJOAN, J. (dir.) - História da Arte, Lisboa, Ed. Alfa, 1972
- PONENTE, Nello - Peinture moderne/ Tendances Contemporaines, Paris, 1980
- READ, Herbert - A Concise History of Moderne Sculpture, Londres, Thames and Hudson, 1979
- SEDLMAYR, Hans - A Revolução da Arte Moderna, 2ª ed, Lisboa, Livros do Brasil, 1980
- ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, Lisboa, Arcádia, 1979

II. Arte em Portugal

FRANÇA, José Augusto - A Arte em Portugal no Século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- O modernismo na arte portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve/ Instituto de Cultura Portuguesa, 1979

"- Lisboa, Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Biblioteca Breve, 1980

"- Amadeo de Souza - Cardoso [...] & Almada Negreiros [...], Lisboa, Bertrand Editora, 1983

GONÇALVES, Rui Mário - Pintura e Escultura em Portugal - 1940-1980, Lisboa, Biblioteca Breve, 1980

GONÇALVES, Rui Mário e outros - História da Arte em Portugal, vol. XII e XIII, Lisboa, Publicações Alfa, 1986

ARQUEOLOGIA MEDIEVAL

Docente: Dr. Mário Jorge Barroca

1. Introdução. Importância da Arqueologia Medieval. Os "documentos" da Arqueologia Medieval. Aspectos metodológicos.
2. Castelologia Medieval. Ritmos de incastelamento. Evolução e tipos de castelos. Evolução da poliorcética. Castelos e organização do território. Relações com a topografia, o sistema viário, o povoamento e a economia. O castelo como polo catalizador e organizador do povoamento.
3. Armamento Medieval. Aspectos da sua evolução. Os grandes momentos de inovação. Os seus reflexos em algumas soluções arquitectónicas utilizadas nos castelos.
4. Caminhos e pontes medievais. Características do sistema viário medieval e da estrutura material das suas vias. A arte de construir pontes. Evolução das características das pontes medievais. As estruturas polarizadas em torno dos itinerários medievais: pousadas, hospitais e feiras.
5. Cidades e vilas medievais portuguesas. Seu urbanismo. Aspectos da vivência urbana.
6. Arqueologia dos paços e da "domus fortis". A evolução das casas senhoriais: das necessidades de afirmação e de defesa aos requisitos de conforto. A casa urbana e a casa rural: características e contrastes.
7. Aspectos técnicos das construções medievais. Aparelhos e siglas.
8. Arqueologia Agrária. A paisagem como testemunho de civilização. Ecossistemas. Villas e casais. Explorações conventuais e granjas. Explorações agrárias e seus testemunhos arqueológicos. Utensilagem agrícola: arados, vessadouros, carros, enxadas, etc. Eiras, celeiros, espigueiros, lagares, moíños e azenhas. Regadio.
9. Sepulturas medievais. Da evolução tipológica e cronológica aos ritos funerários.

10. Cerâmica Medieval e outros testemunhos da utensilagem doméstica medieval.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - Vias Medievais I. Entre-Douro-e-Minho, Porto, ed. policopiada, 1968

"- Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, Porto, ed. policopiada, 1978

"- "Território Paroquial no Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização", Nova Renascença, 2, Porto, 1981

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; e outros - Escavações Arqueológicas em Stº Estevão da Facha, Ponte de Lima, 1981

BARCELÓ, Miguel - Arqueologia Medieval. En las afueras del "medievalismo", Barcelona, 1988

BARROCA, Mário Jorge - Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV), ed. policopiada, Porto, 1987

BARROCA, Mário Jorge, e outro - "A Terra e o Castelo - Uma Experiência Arqueológica em Aguiar da Pensa", Portugália, Nova Série, vol. VI/VII, 1985-86

BOUARD, Michel de; RIU, Manuel - Manual de Arqueologia Medieval, Barcelona, 1977

CASTILLO, Alberto del - Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Sória, Logroño y Burgos, "Excavaciones Arqueológicas en España", Madrid, 1972

CHAPELOT, Jean, e FOSSIER, Robert - Le village et la maison au Moyen Age, Paris, 1980

CORREIA, Vergílio - "Três Túmulos", Obras, vol. V, Coimbra, 1978
D'ARCHIMBAUD, G. Demians - Les Fouilles de Rougiers, Paris, 1981

FERREIRA PRIEGUE, Elisa - Los Caminos Medievales de Galicia, Orense, 1988

FOURNIER, Gabriel - Le Chateau dans la France Médiévale, Paris, 1978

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino, e outros - La Ceramica Medieval en el Norte y Noroeste de la Peninsula Iberica. Aproximacion a su Estudio, León, 1989

MARQUES, A. H. Oliveira, e outros - Atlas de Cidades Medievais Portuguesas, I, Lisboa, 1990

- MEREA, Paulo, e GIRÃO, A. Amorim - "Territórios Portugueses no século XI", Revista Portuguesa de História, 2 Coimbra, 1943
- PESEZ, Sené, e outros - La construction au Moyen-Age, Paris, 1973
- RIU, Manuel - L'Arqueologia Medieval a Catalunya, Barcelona, 1989
- TORRES, Claudio - Cerâmica Islâmica Portuguesa, Mértola, 1987
- VERHULST, Adrian - "L'Archéologie et l'Histoire des champs au Moyen Age: Introduction à l'Archeologie Agraire", L'Archéologie du Village Médiévale, Louvain, 1967

ARQUEOLOGIA MODERNA

Docente: Dr. Carlos A. Brochado de Almeida

1. Perspectivas no estudo da antropologia cultural.
2. Etnografia e antropologia cultural em Portugal e na Galiza.
3. Temas de Arqueologia do Norte de Portugal.
 - 3.1. Habitat, povoado e "casa".
 - 3.2. Actividades económicas tradicionais.
 - 3.3. Festas cíclicas do ano.
 - 3.4. O ciclo da vida individual.

BIBLIOGRAFIA

- 1976
AUZIAS, Jean Marie - L'anthropologie contemporaine, Paris, PUF,
- BALANDIER, Geroges - Antropologia política, Barcelona, ed. Peninsula
- BENEDICT, Ruth - Padrões de Cultura, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- BERNARDI, Bernard - Introdução aos estudos etno-antropológicos, Lisboa, Edições 70, 1978
- COPANS, Jean et al. - Antropologia, ciência das sociedades primitivas?, Lisboa, Edições 70, 1974
- PRAZER, James Georges - La rama dorada; magia y religion, Madrid, Fondo de Cultura Economica, 1981
- GODELIER, Maurice - Horizon, trajects marxistes en anthropologie, Paris, Maspero, 1973
- HARRIS, Marvin - El materialismo cultural, Madrid, Alianza Editorial, 1982
- HERSKOVITS, Melville J. - El ombre y sus obras. La ciencia de la antropologia cultural, Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1952
- LEVI STRAUSS, Claude - Anthropologie structurale, Paris, Plon, 1958-1973
- MALINOWSKI, Bronislaw - Argonauts pf the Western Pacific, London, Routledge & Kegan Paul, 1978
- MAUSS, Marcel - Manual de Etnografia, Lisboa, 1972
- "- Sociologie et anthropologie, 8 ed., Paris, PUF, 1983

- MORGAN, Lewis H. - A sociedade primitiva, Porto, Ed. Presença, 1973-1974
- PANOFF, Michel - Bronislaw Malinowski, Paris, Payot, 1972
- PEREIRA, Benjamim Enes - Bibliografia analítica de etnografia portuguesa, Lisboa, CEEP, 1965
- POIRIER, Jean (dir.) - Ethnologie Générale, Paris, Gallimard, 1968
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. - Structure et fonction dans la société primitive, Paris, Editions de Minuit, 1968
- SAHLINS, Marshall - Economia de la edad de piedra, Madrid, Akal, 1977
- SIMONIS, Yvan - Claude Lévi Strauss ou la "passion de l'inceste", Paris, Flammarion, 1980
- VAN GENNEP, Arnold - Les rites de passage, Paris, Picard, 1974

METODOLOGIA DO ENSINO DA HISTÓRIA

Docentes: Dr^a Maria Manuela Alves
Dr. Luís Alberto Marques Alves

FINALIDADES

Pela aplicação dos princípios da andragogia, utilização da dinâmica de grupo e articulação da teoria com a prática, o esquema programático visa as seguintes finalidades:

- fazer reflectir criticamente sobre as linhas de força das concepções pedagógico-didácticas actuais;
- promover a aquisição de competências exigidas pela função docente a nível do saber, do saber - fazer, do saber - ser e do saber - mudar;
- favorecer a aquisição de uma atitude científica face à realidade pedagógica;
- integrar os conhecimentos numa perspectiva interdisciplinar;
- facilitar a auto-formação pessoal e profissional.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

1. Introdução.
 - 1.1. Pedagogia e Didáctica.
 - 1.2. As dimensões psicológicas e relacionais da Didáctica.
 - 1.3. Uma metodologia de acção pedagógica.

2. Didáctica da História.
 - 2.1. Finalidades e objectivos educativos da História.
 - 2.1.1. Finalidades educativas e objectivos da História.
 - 2.1.2. Taxonomias e objectivos da História.
 - 2.1.3. Os processos abertos.
 - 2.1.4. Pedagogia com objectivos, Pedagogia por objectivos?
 - 2.2. Os conteúdos programáticos - transmissão e formação.
 - 2.2.1. Currículo, programa, programação.
 - 2.2.2. Perspectiva histórica do ensino da História.
 - 2.2.3. Epistemologia e ensino/aprendizagem da História.
 - 2.2.4. Problemática da selecção e estruturação dos conteúdos.
 - 2.2.5. Critérios para a selecção dos conteúdos.

- 2.3. A estratégia de acção pedagógica.
 - 2.3.1. A problematização das situações.
 - 2.3.1.1. Motivação e aprendizagem.
 - 2.3.1.2. A construção da situação pedagógica.
 - 2.3.1.3. A formulação do problema.
 - 2.3.1.4. A pedagogia das situações e as funções do professor.
 - 2.3.2. Os procedimentos pedagógicos.
 - 2.3.2.1. Questões de terminologia.
 - 2.3.2.2. Os documentos no ensino/aprendizagem da História.
 - 2.3.2.3. O método da descoberta guiada.
 - 2.3.2.4. Métodos de trabalho autónomo.
 - 2.3.3. A comunicação pedagógica.
 - 2.3.3.1. Análise psicossociológica da comunicação na sala de aula.
 - 2.3.3.2. Técnicas de comunicação.
- 2.4. Os recursos didácticos.
 - 2.4.1. Critérios para a escolha de recursos.
 - 2.4.2. A exploração pedagógica dos audio-visuais.
- 2.5. A avaliação.

BIBLIOGRAFIA

A indicação dos títulos seguintes não significa obrigatoriedade de leitura integral. À medida que o programa for sendo cumprido, serão dadas indicações sobre as leituras essenciais.

ARIP - Pedagogia e Psicologia dos Grupos - L. Horizonte, Lisboa.

BOURRON, Yves et al. - Audiovisuel - Mode d'emploi - Langage et pratique - Les Éditions d'Organisation, Paris, 1988

CHAFFER, J.; TAYLOR, L. - A História e o Professor de História - Livros Horizonte, Lisboa

CHAULANGES, M. - Essai sur le rôle et l'emploi du texte dans l'enseignement de l'histoire - Delagrave, Paris

CITRON, S. - Ensinar História hoje - a memória perdida e reencontrada - Livros Horizonte, Lisboa, 1990

COLTHAM, J.; FINES, J. - Objectivos Educacionais para o Estudo da História - uma sugestão de esquema de trabalho - A.P.H., Lisboa

DINIZ, M.E. - Que História ensinámos? Que História ensinamos? in A.P.H., Boletim nº7, Novembro, 1983

- DOMINGOS, A.M.; NEVES, I.; GALHARDO, L. - Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem - Livros Horizonte, Lisboa
- DUPONT, Pol- A dinâmica do grupo-turma - Coimbra Editora, Lda, Coimbra
- GILLET, Pierre - Pour une Pédagogique ou l'enseignant praticien, PUF., Paris, 1987
- JACQUINOT, G. - L'École devant les écrans - ESF, Paris, 1985
- LANDSHEERE, V. e G. De - Definir os objectivos da Educação - Moraes Editora, Lisboa
- LEROY, G. - Le dialogue en éducation - PUF, Paris, 1970
- MARTINEZ-RUIZ et al. - La Historia y las Ciencias Humanas - Didáctica y técnicas de estudio, Istmo, Madrid, 1989
- MINDER, M. - Didáctica funcional - Coimbra Editora, Lda, Coimbra, 1986
- POSTIC, M. - A relação pedagógica - Coimbra Editora Lda, Coimbra, 1984
- ROMANO, C.; SALZER, J. - Enseigner c'est aussi savoir communiquer, Les Éditions d'Organisation, Paris, 1990
- ROSALES, Carlos - Evaluar es reflexionar sobre la enseñanza - Narcea Ediciones, Madrid, 1990
- ZABALZA, M. A. - Diseno y desarrollo curricular - Narcea Ediciones, Madrid

Nota: Bibliografia específica será indicada oportunamente.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Dr^a Fernanda Figueira
Dr. Raul Cunha
Dr^a Olga Lima
Dr. Luís Antunes

I. Introdução

Sem preterir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, pareceu-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com o pensamento de L. STENHOUSE, segundo o qual o professor deve aliar à prática lectiva a investigação.

KEMMIS insiste neste ponto que é, de resto, o fundamento de uma das várias metateorias da teoria curricular.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem "black boxes" plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

É claro que este rumo implica sólido investimento na investigação científica.

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo, de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem cientificamente o seu ensino.

II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Relacionar educação com o processo ensino-aprendizagem.
- Adquirir os conhecimentos fundamentais do Currículo, seus fundamentos, desenvolvimento e avaliação.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares.
- Justificar, a partir da teoria curricular, as decisões na acção didáctica.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas.

III. Conteúdos Programáticos

1. Análise sistémica da Educação.

1.1. A T.G.S.

1.2. A sistémica como tecnologia.

1.3. A entropia e a redundância.

1.4. Sistémica e modelos.

1.5. Educação sistémica e comunicação.

2. Problemática conceptual do currículo.

2.1. Natureza e teoria do currículo.

2.2. Metateorias da teoria curricular.

2.3. Metateorias, teorias do currículo e reprodução cultural.

2.4. Os códigos curriculares.

2.5. Conceitos de currículo.

2.6. Componentes do currículo: objectivos, conteúdos, estratégias, planificação e avaliação.

3. Organização e desenvolvimento curricular.

3.1. Modelos de organização e de desenvolvimento curricular.

3.2. Modelos teóricos.

3.2.1. Modelos de TYLER e de TABA.

3.2.2. Modelos sistémicos.

3.2.3. Modelo integrador.

3.3. Desenvolvimento curricular e formação de professores.

3.4. Organização escolar.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

APPLE, M. W. - Ideologia y Currículo, trad. Rafael Lassaletta, Madrid, Akal, 1986

BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989

CORTESÃO, L.; TORRES, M. - Avaliação pedagógica I e II, Col. Ser professor, Porto, Porto Editora, 1983

D'HAINAUT, L. - Educação. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980

KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980

LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977

- LANDSHEERE, G. - Avaliação Contínua e Exames: Noções de Docimologia, Coimbra, Almedina, 1979
- MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986
- POCZTAR, J. - Analyse systématique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989
- STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981
- TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984
- ZABALZA, M. A. - Diseño y desarrollo curricular, Madrid, Narcea, 1987

NOTA. A bibliografia específica será oportunamente fornecida.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO



HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo

Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961

Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2ª edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

SOCIOLOGIA DA ARTE

Docente: Dr. Agostinho Araújo

I. Problemática de uma ciência jovem.

0. Introdução.

- 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
- 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
- 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.

1. Evolução da estética sociológica.

- 1.1. Um precursor: Diderot.
- 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
- 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.

2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.

- 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
- 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
- 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
- 2.4. W. Benjamin.
- 2.5. Os marxistas (M. Raphael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjini-colaou).

3. A Sociologia da Arte fundada por Pierre Francastel.

- 3.1. Fundamentação global.
- 3.2. Conceitos operatórios.
- 3.3. Programa de pesquisa.

II. Amostragem de Análises práticas.

0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.

1. Sociologia das condições sociais de criação.

- 1.1. Mecenato.
- 1.2. Programa imposto.
- 1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.
- 1.4. Arte oficial.

2. Sociologia da criação.

- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.

3. Sociologia das condições sociais de utência.

- 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
- 3.2. Modas.
- 3.3. Meios de publicidade.
- 3.4. Técnicas de reprodução.

4. Sociologia da utência.

- 4.1. Colecções.
- 4.2. Frequência de museus.
- 4.3. Consumo de literatura artística.
- 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

ANTAL, Frederick - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948

"- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978

BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2ª ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971

BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979

BECKER, Howard - Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26

BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47

BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966

DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objecto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Enciclopédia Einaudi", vol: 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-211

DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32

DIDEROT/FALCONET - Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958

DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974

"- Símbolo, comunicación y consumo, 2ª ed., Barcelona, Lumen, 1975

FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975

"- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977

FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983

FRANCASTEL, Galiene - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'oeuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28

FRANCASTEL, G.; FRANCASTEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969

FRANCASTEL, Pierre - L'impressionisme, 2ª ed., Paris, Denoel, 1974

"- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984

"- Histoire de la Peinture Française, 3ª ed., 2 vols., Paris, Gonthier, 1971

"- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p. 278-296

"- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIIIe siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357

"- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982

- "- L'Image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
- "- Études de Sociologie de l'Art. Création picturale et société, Paris, Denoel, 1970
- FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
- "- Lisboa Pombalina e o Iluminismo, 2ª ed., Lisboa, Bertrand, 1977
- "- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
- "- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
- "- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9ª ed., Paris, Félix Alcan, 1912
- HADJINICOLAOU, Nicos - L'object de la discipline de l'Histoire de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
- "- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
- "- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
- HAUSER, Arnold - Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama, 1975-1977
- "- Teorias da Arte, 2ª ed., Lisboa, Presença, 1978
- "- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
- LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
- MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIIIe Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974, sep. de "Bracara Augusta", XXVII
- MOLES, Abraham A. - Rationnel et irrationnel dans les tendances de l'art contemporain, in "Colóquio/Artes", Lisboa, 15, Dezembro de 1973, pp.5-9
- "- O Cartaz, São Paulo, Perspectiva, 1978
- MOLES, Abraham A. - Psychologie du Kitsch. L'art du bonheur, Paris, Denoel, 1979
- MOREIRA, Isabel M. M. - Galerias de arte e o seu público, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1985
- MUMFORD, Lewis - Arte e Técnica, Lisboa, Edições 70, 1980
- MUNARI, Bruno - Artista e designer, Lisboa, Presença, 1979

PANOFSKY, Erwin - Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Cátedra, 1977

"- El significado en las artes visuales, Madrid, Alianza, 1980

"- La perspective comme forme symbolique et autres essais, Paris, Minuit, 1981

"- Estudos de Iconologia. Temas humanísticos na Arte do Renascimento, Lisboa, Estampa, 1986

RAMÍREZ, Juan A. - Medios de masas e Historia del Arte, Madrid, Cátedra, 1976

READ, Herbert - Arte e Alienação. O papel do artista na sociedade, Rio de Janeiro, Zahar, 1968

"- Arte y sociedad, Barcelona, Peninsula, 1970

RIEGL, Alois - Grammaire Historique des Arts Plastiques, Paris, Klincksieck, 1978

SEDLMAYR, Hans - A Revolução da Arte Moderna, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

SERRÃO, Vítor - O Maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983

TAINÉ, Hippolyte - Philosophie de l'Art/ Voyage en Italia/ Essais de critique et d'histoire, (extraits présentés par J. F. Revel), Paris, Hermann, 1964

VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969

WATSON, Bruce - Los públicos de arte, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 175-199

WOLFF, Janet - A produção social da arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1982

ZENER, Henri - A arte, in "Fazer História", col. 2, Lisboa, Bertrand, 1981, pp. 211-232.

HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL

Docentes: Dr. António Cardoso
Dr. Fausto Martins

1. Pintura: Os Primitivos Portugueses:

Importância deste período. Afinidades estilísticas, técnicas e iconográficas entre a pintura quinhentista e a pintura flamenga da mesma época. Mecenas e clientela. Iconografia: temática tradicional e nacional. Oficinas e artistas: Nuno Gonçalves; Jorge Afonso; Francisco Henriques; Vasco Fernandes e Gaspar Vaz; Frei Carlos; Mestre da Lourinhã; Mestres de Ferreirim; Gregório Lopes; Cristóvão de Figueiredo; Garcia Fernandes. Conclusões sobre a pintura quinhentista portuguesa.

2. Arquitectura portuguesa no séc. XVII e começos do séc. XVIII:

Arquitectura Maneirista e "estilo chão" do séc. XVII. Implantação deste tipo de arquitectura em todo o país e sua persistência no primeiro quartel do séc. XVIII. Principais arquitectos e exemplares.

3. Arte da talha:

Dois principais períodos: estrutura e ornato; rápida difusão da talha: retábulos, órgãos, púlpitos, frontais, etc.; materiais e técnicas.

4. Arte do azulejo:

Azulejaria do séc. XVII: Composição, padronagem, iconografia. Influência da azulejaria holandesa. Alguns mestres: Gabriel del Barco; A. de Oliveira Bernardes; mestre P.M.P.; Bartolomeu Antunes etc..

5. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitecturado Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

6. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e

tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979
- CHICÓ, Mario Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973
- COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939
- FERREIRA ALVES, Natália Marinho - A arte da talha no Porto na época barroca, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1989
- FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2ª ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981
- "- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482
- "- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974
- "- Amadeo de Souza-Cardoso, 2ª edição, Lisboa, Inquérito, 1972
- "- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973
- "- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor, 1974
- "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979
- GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no noroeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184
- KUBLER, George - A arquitectura portuguesa chã, Lisboa, Vega, s/d
- LACERDA, R. de - História da Arte em Portugal, vols. I, II, III, Porto, Portucalense Editora, 1942
- MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado, Porto, Lopes da Silva, 1945
- MECO, José - O Azulejo em Portugal, Lisboa, Alfa, 1989
- SANTOS, Reinaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, s/d
- "- Os Primitivos Portugueses (1450-1550), Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1957
- "- O Azulejo em Portugal, Lisboa Editorial Sul, 1957
- SIMÕES, J.M. dos Santos - Azulejaria em Portugal no séc. XVII - I e II; séc. XVIII, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971

SMITH, Robert C. - A talha em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1962

VÁRIOS AUTORES - História da Arte em Portugal, vol. 6 "Renascimento"; vol. 7 "O Maneirismo"; vol. 8 "O Limiar do Barroco"; Lisboa, Alfa, 1986

ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols., Lisboa, Arcádia, 1979

HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.

- 1.1. A cidade: formas; funções e tentativa de definição.
- 1.2. Paisagem urbana: noção e elementos caracterizadores.

2. Aspectos do mundo urbano no Egipto Faraónico e na Mesopotâmia.

3. A cidade cretense e a cidade micénica.

4. O urbanismo clássico.

- 4.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.
- 4.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.
- 4.3. A cidade em Platão e Aristóteles.
- 4.4. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.
- 4.5. As cidades romanas: de Roma a Constantinopla.
- 4.6. A cidade em Vitruvius.

5. Urbanismo medieval.

- 5.1. A cidade medieval: origens e formas.
- 5.2. A rua e a praça na cidade medieval.
- 5.3. A cidade no mundo islâmico.
- 5.4. O Porto medieval.
- 5.5. Veneza.

6. Urbanismo do século XVI.

- 6.1. O novo ideal urbano.
- 6.2. A cidade dos teóricos. Cidade e utopia.
- 6.3. A nova arquitectura militar.
- 6.4. A Florença do século XVI.
- 6.5. Roma e as grandes transformações quinhentistas.

7. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.

- 7.1. Urbanismo e política.
- 7.2. Vauban e as novas muralhas.
- 7.3. As novas cidades - São Petersburgo.
- 7.4. Versalhes.

- 7.5. Roma.
- 7.6. Paris
- 7.7. Londres
- 7.8. Bath e a importância crescente das cidades termais.

8. O urbanismo em Portugal nos séculos XVII e XVIII.

- 8.1. Aspectos do Porto e de Lisboa antes da segunda metade do século XVIII.
- 8.2. As transformações urbanas em Lisboa na segunda metade do século XVIII.
- 8.3. As transformações urbanas no Porto na segunda metade do século XVIII.
- 8.4. As cidades portuguesas setecentistas através dos livros de viagens.
- 9. A cidade e a festa nos séculos XVI, XVII e XVIII.

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979
- CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", n° 2089, Paris, PUF, 1983
- FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadas (1757-1804). Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1987
- FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977
- GUIDONI, Enrico; MARINO, Angela - Historia del urbanismo. El siglo XVI, Madrid, 1985
- "- Historia del urbanismo. El siglo XVII, Madrid, 1982
- LAVEDAN, Pierre; HUGUENEY, Jeanne - L'urbanisme au Moyen Age, Genève, Droz, 1974
- SICA, Paolo - Storia dell'urbanistica. Il settecento, Roma-Bari, 1976

TEORIAS E CRÍTICA DA ARTE

Docente: Prof^a Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte e a crítica da arte: génese e evolução da disciplina.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na génese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o irracional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. A Beleza e as condições necessárias para a sua existência: a ordem, a proporção, o limite e a simetria.

3.3. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenómeno artístico: a imaginação, o prazer estético, o belo e a mimésis.

3.4. Roma e a admiração pelo pensamento helénico. A tentativa de conciliação das posições de Platão e de Aristóteles.

3.4.1. Cícero e Quintiliano: os cânones escultóricos e pictóricos dos "connaisseurs".

3.4.2. Vitruvius e a importância do seu tratado De Architectura. Aspectos contemporâneos da visão vitruviana.

4. A Idade Média.

4.1. A relação entre arte e espiritualidade.

4.2. A Beleza e o Divino.

4.3. Santo Agostinho e a sua teoria estética.

4.4. S. Tomás de Aquino e a sua concepção de Beleza.

4.5. O valor das enciclopédias e dos tratados de óptica.

5. O Renascimento.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. Os Comentários de Lorenzo Ghiberti e o ambiente artístico de Florença.

5.3. As leis da perspectiva linear e Filippo Brunelleschi: a definição das teorias renascentistas sobre o espaço.

5.4. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti, Piero della Francesca e de Leonardo da Vinci.

5.5. Os escritos de Leonardo e as teorias da arte da Alta Renascença.

5.6. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. Castiglione e o valor atribuído à pintura.

5.7. Benedetto Varchi e a Dissertação sobre a primazia das artes: a importância do inquérito no contexto teórico-crítico renascentista.

5.8. As Vitae de Vasari: aspectos biográficos, teóricos e críticos.

5.9. O impacto das obras de Ludovico Dolce e de Paolo Pino: papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

6.1. A arte barroca e as vertentes realista e classicizante.

6.2. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.

6.3. O contributo dos escritos de Agucchi e Mancini para a compreensão das teorias apontadas pelos Carracci e da visão caravaggista.

6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

BIBLIOGRAFIA

BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976

ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presença, 1989

HAUSER, Arnold - Teorias da Arte, Lisboa, Editorial, Presença, 1973

KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presença, 1988

PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1975

"- Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977

RICHARD, André - La Critique d'Art, Paris, P.U.F, 1968

SCHOLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976

VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969

COLECÇÃO de 8 volumes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

HISTÓRIA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Docente: Dr. José Amadeu Coelho Dias

1. Problemática das Religiões

- 1.1. A ciência das religiões.
- 1.2. Natureza e origem das religiões.
- 1.3. Interpretações da religião.

2. As Grandes religiões contemporâneas

- 2.1. Judaísmo, Cristianismo, Islamismo.
- 2.2. Hinduísmo, Budismo.
- 2.3. Taoísmo, Xintuismo.

3. As religiões da Antiguidade

- 3.1. Prehistória e religiões tradicionais.
- 3.2. Religiões mediterrânicas e europeias.
- 3.3. Religiões ameríndias.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CAILLOIS, Roger - O homem e o sagrado, Lisboa, 1979

ELIADE, Mircea - Tratado de História Comparada das Religiões,
Lisboa, 1977

"- História das Crenças e das ideias religiosas, 4 vols., Rio de Janeiro,
1978/80.

JAMES, Ewo - Introducción a la história de las religiones, Madrid,
1973

MESLIN, Michel - Aproximación a una ciencia de las religiones,
Madrid, 1978

WIDENGREN, Geo - Fenomenologia de la Religión, Madrid, 1976

TOKAREV, Serguei - História das Religiões, Moscovo, 1986

HISTÓRIA DO BRASIL

2

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Dr. Ivo Carneiro

1. Do Descobrimento à primeira organização territorial.
2. O período de formação (e delimitação) de fronteiras.
3. As fases (ou ciclos) da economia brasileira.
4. A Igreja: a missão e a formação cultural das gentes.
5. De Pombal à Independência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALMON, Pedro - História do Brasil, Rio de Janeiro, 1963

CAMINHA, Pero Vaz de - Carta a D. Manuel, várias edições

CORTESÃO, Jaime - Obras Completas, várias edições

HOLANDA, Sérgio Buarque (dir. de) - História do Brasil, várias edições

NÓBREGA, Manuel da - Diálogo sobre a conversão do gentio, várias edições

SALVADOR, Fr. Vicente do - História do Brasil, várias edições

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - O império luso-brasileiro. 1750-1822, Lisboa, 1986

SODRÉ, Nelson W. - Formação Histórica do Brasil, várias edições

Ao longo do curso será indicada bibliografia específica para cada tema.

MATEMÁTICA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Docente. Dr. Henrique David

1. A importância dos métodos quantitativos no processo de investigação.

2. Os métodos quantitativos como meio de descrever a realidade social.

2.1. Classificação e ordenação dos dados. Tabelas - Proporção, percentagem, rácios, taxa e taxa de variação.

2.2. Representações gráficas - Diagramas por pontos, polígonos de frequências (simples e acumulados), gráficos polares (fechados e abertos) gráficos em barras (histogramas simples e acumulados), cartogramas, esterogramas, organogramas, curvas de Lorenz, sociogramas, ideogramas, gráficos de planning, gráficos a três dimensões (gráficos triangulares), gráficos em degrau, pirâmides de idades (relações de masculinidade e índices - Resumos), gráficos em papel logaritmico e semi-logaritmico.

2.3. Medidas de Tendência Central - média aritmética, mediana e moda.

2.4. Medidas de variabilidade ou dispersão - amplitude, desvio médio, desvio padrão, variância e coeficiente de variação.

2.5. Uma medida de concentração - coeficiente de Gini.

3. Os métodos quantitativos como meio de interpretação e explicação da realidade social.

3.1. Análise de variância.

3.2. Teste de χ^2 .

3.3. Análise de correlação simples - coeficientes de Pearson e de Spearman.

3.4. Análise de correlação parcial e múltipla.

4. As séries temporais.

4.1. Taxas de crescimento.

4.2. Estudo da tendência pelo método das médias móveis.

4.3. Análise de regressão.

4.4. Movimento sazonal.

4.5. Números-índices.

5. A qualidade dos dados demográficos - relação de masculinidade dos nascimentos, índice de Whipple, índice de irregularidade, índice combinado das Nações Unidas, equação de concordância.

6. Os indicadores demográficos - saldo natural ou fisiológico, saldo efrativo, taxa bruta de natalidade, taxa de fecundidade geral, taxa de fecundidade geral por grupos de idades, descendência média, taxa bruta de reprodução, taxa líquida de reprodução, taxa de fecundidade legítima, taxa de fecundidade ilegítima, taxa de ilegitimidade, taxa bruta de nupcialidade, taxa bruta de mortalidade, taxa de mortalidade infantil (clássica, verdadeira, endógena, exógena, neonatal, pós-natal, fetal tardia ou mortinatalidade, pré-natal, feto-infantil e perinatal), esperança de vida à nascença, sobremortalidade masculina.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ALCAIDE INCHAUSTI, Angel - Estatística aplicada a las Ciencias Sociales, Madrid, Ediciones Piramide, 1975

FLOUD, Roderick - Métodos quantitativos para historiadores, Madrid, Alianza Editorial, 1975

LAROUSSE, Christian - Estatística descritiva, Porto, Rés Editora, s.d.

LEVIN, Jack - Estatística aplicada às Ciências Humanas, S. Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1978

NAZARETH, J. Manuel - Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1981

"- Princípios e métodos de análise da demografia portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, 1988

NAZARETH, J. Manuel; SOUSA, Fernando de - A demografia portuguesa em finais do Antigo Regime - aspectos sócio-demográficos de Coruche, "Cadernos da Revista de História Económica e Social", nº4, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983

ÍNDICE

História Contemporânea de Portugal	1
Sociedade, Economia e Política na Época Contemporânea	7
Cultura e Mentalidades na Época Contemporânea	11
Teoria da História e do Conhecimento	14
História da Arte no Séc. XIX	17
História da Arte do Séc. XX Geral e em Portugal	20
Arqueologia Medieval	24
Arqueologia Moderna	27
Metodologia do Ensino em História	29
Organização e Desenvolvimento Curricular	32

Opções

História da Cidade do Porto	1
Sociologia da Arte	2
História de Arte em Portugal	7

História Urbana Geral e de Portugal	10
Teorias e Críticas de Arte	12
História Comparada das Religiões	15
História do Brasil	16
Matemática para as Ciências Humanas e Sociais	17

